

ECONOMIA

Subida dos juros da dívida abranda à espera de resultados da reunião de emergência do BCE

18.03.2020 às 19h52

Depois dos juros da dívida portuguesa a 10 anos terem subido até 1,58% durante esta quarta-feira negra nos mercados, acabaram por fechar em 1,38%. Fontes avançara, à Reuters que o BCE está em reunião extraordinária para analisar a crise do coronavírus

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES

Os juros (*yields*) das Obrigações do Tesouro a 10 descenderem na sessão da tarde do mercado secundário para 1,38%, depois de terem disparado para 1,58%, um máximo desde fevereiro de 2019.

O disparo nas últimas cinco sessões abrandou depois do Banco Central Europeu (BCE) ter emitido um comunicado esta quarta-feira sublinhando que estaria pronto para "ajustar todas as suas medidas se apropriado".

Numa entrevista ao jornal alemão Die Zeit, a responsável executiva do programa de aquisição de dívida (que foi reforçado em 50% na reunião do BCE da semana passada), Isabel Schnabel, referia que o banco estava "preparado para contrariar a agitação no mercado".

Entretanto, o Banco de Itália, por ordem do BCE, interveio esta quarta-feira massivamente no mercado da dívida italiana, refere o economista francês Eric Dor. O juro das obrigações italianas a 10 anos atingiram esta quarta-feira 3% durante a sessão e o prémio de risco que estava em 193,6 pontos-base, no dia anterior à reunião do BCE de 12 de março, chegou a 276 pontos a 17 de março e fechou em 268 pontos esta quarta-feira.

Fontes adiantaram à Reuters que o conselho do BCE está reunido de emergência para discutir o agudizar da crise da pandemia do coronavírus... apenas seis dias depois da última reunião regular onde reforçou o programa de compra de ativos (em 120 mil milhões de euros) e lançou uma linha de financiamento (LTRO) a 3 anos que já disponibilizou 109 mil milhões de euros.

A pressão no mercado da dívida da zona euro acentuou-se depois da gaffe de Christine Lagarde na conferência de imprensa de quinta-feira ao admitir que a crise da dívida italiana em curso não seria assunto para o BCE.

"Não podemos dar-nos ao luxo de ter uma nova crise financeira e da dívida soberana em cima da crise económica gerada pelo coronavírus", diz-nos Charles Wyplosz, académico no The Graduate Institute em Genebra, na Suíça, pelo que, desde quinta-feira, se multiplicaram os apelos públicos a uma nova intervenção do BCE.

O QUE SE ESTÁ A PASSAR NO MERCADO DA DÍVIDA

"O que deve estar a acontecer é que, além dos fundos especulativos, os investidores institucionais estão a reduzir o risco, alienando ativos financeiros considerados de mais elevado risco", refere-nos, por seu lado, Ricardo Cabral, professor no ISEG em Lisboa. Cabral acrescenta que "como o mercado da dívida portuguesa é muito ilíquido, o impacto [das movimentações em curso nos mercados] é significativo". Se a Itália e Espanha, duas grandes economias com uma crise grave do coronavírus, começarem a enfrentar dificuldades de financiamento no mercado, e se espalhar o risco de um incumprimento, ou mesmo de uma saída do euro, Portugal seria fortemente contagiado, acrescenta Cabral.

O disparo no mercado secundário - que levou a um salto da taxa a 10 anos de 0,28% no final de fevereiro para os atuais níveis acima de 1% - acabaria por contagiar os leilões de dívida portuguesa, sublinha João Duque, professor no ISEG. "Tudo depende da política de ação e de comunicação do governo português e dos reguladores bancários", refere Duque, para concluir sobre o real panorama no mercado: "De momento o anúncio da liquidez não está a ter qualquer efeito significativo, uma vez que ninguém percebe nada, nem consegue imaginar os impactos marginais desta crise. Penso que todos preferem ter liquidez parada a apostar em alguma coisa".